

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA FRANCO BARTELEGA

**NEM ESTUDANDO, NEM TRABALHANDO:  
O PERFIL DOS JOVENS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM NO BRASIL E  
NA UNIÃO EUROPEIA A PARTIR DOS ANOS 2000**

CURITIBA

2018

CAMILA FRANCO BARTELEGA

**NEM ESTUDANDO, NEM TRABALHANDO:  
O PERFIL DOS JOVENS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM NO BRASIL E  
NA UNIÃO EUROPEIA A PARTIR DOS ANOS 2000**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador(a): Profa. Dra. Raquel Rangel de Meireles Guimarães

CURITIBA

2018

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

CAMILA FRANCO BARTELEGA

### **NEM ESTUDANDO, NEM TRABALHANDO: O PERFIL DOS JOVENS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM NO BRASIL E NA UNIÃO EUROPEIA A PARTIR DOS ANOS 2000**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

---

Profa. Dra. Raquel Rangel de Meireles Guimarães

Orientadora – Departamento de Economia, Universidade Federal Do Paraná.

---

Profa. Dra. Angela Welters

Departamento de Economia, Universidade Federal do Paraná

---

Profa. Dra. Denise Maria Maia

Departamento de Economia, Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 23 de novembro de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, aos contribuintes brasileiros que me permitiram – pela segunda vez – cursar uma faculdade pública gratuita de qualidade: que isso deixe de ser privilégio e se torne, efetivamente, um direito de todas e todos.

À minha orientadora, professora Raquel Guimarães, pelo exemplo de docente dedicada e combativa, e pelo apoio e orientações ao longo da elaboração deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, pelo incentivo aos estudos desde a primeira infância e por todas as oportunidades que com muito esforço me proporcionaram.

Ao grande amigo Vitor, pela parceria de sempre e companheirismo nesses anos de frio em Curitiba.

À Elizandra e ao Eder, grandes amigas que levo da UFPR para a vida.

Por fim, agradeço a todas e todos que, neste 2018 tão difícil, estiveram do mesmo lado na luta. Ninguém solta a mão de ninguém.

## RESUMO

O presente trabalho apresenta o perfil dos jovens brasileiros (16 a 29 anos) que não estudam e não trabalham, chamados comumente de “nem-nem”, e faz um comparativo com jovens nesta mesma situação na União Europeia de meados da década de 2000 até os dias atuais. Começamos com uma revisão da literatura sobre as escolhas estudo/trabalho dos jovens, abordando as perspectivas da agência individual e das condicionantes estruturais como modelos explicativos para essas escolhas. Analisamos, então, os dados da PNAD Contínua entre 2012 e 2016, a fim de identificar características socioeconômicas que tornam um público dentre os jovens brasileiros mais suscetível a estar na condição nem-nem. Em seguida, passamos à análise do perfil dos jovens europeus que não estudam e não trabalham, com base em estatísticas da Eurostat e publicações da Eurofound. Observamos que as características gerais dos jovens nem-nem no Brasil e na União Europeia guardam certas semelhanças, quais sejam: predominantemente do sexo feminino, com escolaridade e renda mais baixas que a média da população. Todavia, ressalta-se no trabalho que o fenômeno apresenta natureza distinta nos dois contextos. Enquanto na Europa a questão dos nem-nem gerou comoção midiática após a crise de 2008, quando atingiu jovens de classe média com ensino superior, no Brasil este fenômeno já se faz presente historicamente e apresenta relativa estabilidade, independente da conjuntura econômica. É necessário, portanto, a promoção de políticas públicas que combatam a exclusão destes jovens brasileiros – tais como fortalecimento da educação pública de qualidade, políticas de cotas e redes de apoio a jovens mães – e permitam que se engajem nos estudos e, conseqüentemente, tenham melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Condição nem-nem. Juventude. Brasil. União Europeia.

## ABSTRACT

The aim of this study is to provide a profile of Brazilian youth (16 to 29 years old) who do not study and do not work, commonly called "NEET", and to compare it with the youth in the same condition in the European Union, from the mid-2000s to the present. We begin with a review of the literature on study/work choices, addressing the perspectives of individual agency and structural constraints as explanatory models for these choices. We then analyzed data from the Brazilian National Household Surveys (PNAD Contínua) between 2012 and 2016 to identify socioeconomic characteristics that make part of the Brazilian youth more susceptible to being in the NEET condition. We then proceed to the analysis of the profile of the European youth who do not study and do not work, based on Eurostat statistics and Eurofound publications. We note that the general characteristics of NEET youth in Brazil and in the European Union have similarities, such as: predominantly female with lower schooling and income than the average population. Nevertheless, it is emphasized in the work that the phenomenon presents a distinct nature in the two contexts. While in Europe the issue of NEET generated media commotion after the 2008 crisis, when it reached middle-class youth with higher education, in Brazil this phenomenon is historically present and shows relative stability, regardless the economic scenario. Therefore, it is necessary to promote public policies that fight the exclusion of the Brazilian NEET youth, such as improving public education, affirmative action policies and support networks for young mothers; and enable them to engage in studies and therefore having better opportunities in the labor market.

Keywords: NEET condition. Youth. Brazil. European Union.

## LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 1** - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE, SEGUNDO O TIPO DE ATIVIDADE NA SEMANA DE REFERÊNCIA - BRASIL - 2012-2016 .....24
- GRÁFICO 2** - PROPORÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, POR COR E RAÇA, NA SEMANA DE REFERÊNCIA - BRASIL - 2012-2016.....25
- GRÁFICO 3** - PROPORÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, POR GÊNERO, NA SEMANA DE REFERÊNCIA - BRASIL - 2012-2016. ....26
- GRÁFICO 4** - PERCENTUAL DE JOVENS DE 15 A 29 ANOS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS NA SEMANA DE REFERÊNCIA, DENTRO DO TOTAL DA CATEGORIA (COR OU RAÇA E GÊNERO). BRASIL - 2012 - 2016.27
- GRÁFICO 5** - PROPORÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, QUE ESTÃO FORA DA FORÇA DE TRABALHO, POR GÊNERO, NA SEMANA DE REFERÊNCIA - BRASIL - 2012-2016.....28
- GRÁFICO 6** - PROPORÇÃO DE JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO MAIS ALTO ALCANÇADO – BRASIL – 2012-2016.....31
- GRÁFICO 7** - PERCENTUAL DE JOVENS DE 15 A 29 ANOS, QUE NÃO ESTAVAM ESTUDANDO E NEM TRABALHANDO - UNIÃO EUROPEIA, GRÉCIA, ITÁLIA - 2006 - 2016 .....35
- GRÁFICO 8** - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO TIPO DE ATIVIDADE QUE EXERCE, POR GRUPOS ETÁRIOS - UNIÃO EUROPEIA - 2016. ....36
- GRÁFICO 9** – PROPORÇÃO DE HOMENS E MULHERES QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM, POR GRUPOS ETÁRIOS - UNIÃO EUROPEIA - 2006 - 2016. ....37
- GRÁFICO 10** - JOVENS DE 15 A 29 ANOS, QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM, POR GRAU DE INSTRUÇÃO - UNIÃO EUROPEIA - 2006 - 2016. ....39

<b>GRÁFICO 11 - DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS NEM-NEM E NÃO NEM-NEM POR QUARTIS DA RENDA - UNIÃO EUROPEIA - 2014 .....</b>	<b>40</b>
--	-----------

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE, POR TIPO DE ATIVIDADE NA SEMANA DE REFERÊNCIA E GRUPOS DE IDADE (%) - BRASIL – 2012-2016.....	<b>24</b>
<b>TABELA 2</b> - JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, SEGUNDO O PRINCIPAL MOTIVO DE NÃO TER TOMADO PROVIDÊNCIA PARA CONSEGUIR TRABALHO, POR SEXO – BRASIL - 2016 .....	<b>29</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Eurofound	- Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho
Eurostat	- Gabinete de Estatísticas da União Europeia
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OIT	- Organização Internacional do Trabalho
PEA	- População Economicamente Ativa
PIA	- População em Idade Ativa
PNAD	- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UE	- União Europeia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO TEÓRICA SOBRE A ESCOLHA ESTUDO-TRABALHO .....</b>	<b>16</b>
2.1	A PERSPECTIVA DA AGÊNCIA .....	17
2.2	A PERSPECTIVA ESTRUTURAL.....	19
<b>3</b>	<b>OS JOVENS NEM-NEM NO BRASIL .....</b>	<b>22</b>
3.1	PERFIL DOS JOVENS NEM-NEM NO BRASIL.....	23
<b>4</b>	<b>OS JOVENS NEM-NEM NA EUROPA .....</b>	<b>33</b>
4.1	PERFIL DOS JOVENS NEM-NEM NA EUROPA.....	34
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A passagem da escola para o mercado de trabalho é uma importante fase no ciclo de vida e ocorre, em geral, num período comumente conturbado de transição da adolescência para a vida adulta. Esta fase é definida por estudiosos como Arnett (2000, 2006 apud BRANDÃO; SARAIVA; MATOS, 2012) como uma etapa de instabilidade e de possibilidades, que estão diretamente relacionadas com os diferentes percursos no domínio da educação, do amor e do trabalho pelo qual passam estes jovens. O autor revela ainda a existência de um sentimento subjetivo nesta fase de não se sentir nem criança, nem adulto, havendo significados ambíguos associados a este momento de vida. O tornar-se adulto passa a identificar-se cada vez mais com aspectos psicológicos como a capacidade de ter responsabilidades próprias, de tomar decisões e ser independente financeiramente.

Schoon e Lyons-Amos (2016, p. 11) caracterizam esta transição como um momento que envolve mudanças inter-relacionadas de papéis sociais, incluindo a saída da escola, a entrada no mercado de trabalho, a formação de uma família, maternidade / paternidade – tudo isso dentro de um relativamente curto período de tempo. É também o período de iniciação da vida sexual, de exploração de novas opções como álcool e outras drogas, e entrada em novas redes sociais formais ou informais, como gangues (BEHRMAN; HOYOS; SZÉKELY, 2014, p. 6).

Segundo Camarano et al. (2003, p.54) esta transição da infância/adolescência para a vida adulta vem acontecendo cada vez mais tarde em todo o mundo, com o prolongamento do período em que os filhos passam como economicamente dependentes dos pais. As autoras listam alguns elementos que tem contribuído para este adiamento, tais como a instabilidade do mercado de trabalho, o maior tempo de escolarização dos jovens e a maior instabilidade das relações afetivas. Guerreiro e Abrantes (2005, p. 170) mencionam que a transição para a vida adulta tem ganhado grande destaque e

[...] encontra-se na ordem do dia [...] em grande medida porque nela se refletem com particular intensidade os principais fluxos de transformação social, incluindo oportunidades originais, estilos de vida inovadores, mas também novos focos de desequilíbrio, desigualdade e exclusão social.

Dada, então, a importância deste período de transição, a falta de êxito nesta fase pode acarretar em implicações econômicas, tanto do ponto de vista micro quanto macro. De um lado, pode comprometer toda a trajetória futura do indivíduo; de outro, pode ocasionar em efeitos

socioeconômicos não desejados para o conjunto da sociedade. Neste sentido, o fenômeno dos chamados jovens “nem-nem” tem atraído a atenção de pesquisadores e formuladores de políticas públicas, justamente por apontar para a falta de inserção de uma parcela significativa de jovens tanto no ensino, como no mercado de trabalho. A Organização Internacional do Trabalho (2015) define como “nem-nem”<sup>1</sup> o grupo da população de uma determinada idade (em geral, de 16 a 29 anos) que não estão empregados, nem estão envolvidos em programas educacionais ou de treinamento.

Do ponto de vista macroeconômico, sendo a educação fundamental para o acúmulo de capital humano e, conseqüentemente para o aumento de produtividade numa economia, o fato de muitos jovens deixarem precocemente os estudos pode comprometer o desenvolvimento futuro de um país. Jovens que não estudam nem trabalham também estão sujeitos à maior vulnerabilidade social, podendo se tornar fonte de riscos como criminalidade e violência, em alguns contextos. Por fim, a prevalência de jovens nem-nem é um fator que contribui para a transmissão intergeracional da desigualdade de renda (CÁRDENAS; HOYOS; SZÉKELY, 2011; CAMARANO; KANSO, 2012; MONTEIRO, 2013; BEHRMAN; HOYOS; SZÉKELY, 2014; HOYOS; ROGERS; SZÉKELY, 2015; IBGE, 2017).

Um relatório publicado pelo Banco Mundial, indicava que, em 2015, um em cada cinco jovens na América Latina entre 15 e 24 anos não estudava nem trabalhava, somando mais de 18 milhões de pessoas nesta situação (HOYOS; ROGERS; SZÉKELY, 2015, p. 1). Ainda que a região tenha passado por um forte crescimento econômico na primeira década dos anos 2000, a proporção de jovens nesta situação decresceu apenas marginalmente devido ao bônus demográfico, e seu número absoluto cresceu neste período.

Este fenômeno se torna ainda mais alarmante se levarmos em conta que a América Latina está passando por um momento de janela de oportunidade demográfica neste início de século XXI: observa-se o declínio das razões de dependência<sup>2</sup>, com aumento da parcela da população entre 15 e 24 anos, em comparação com as parcelas de menores de 15 anos e maiores de 65. Essa janela deve durar cerca de 20 anos, quando então a parcela de maiores de 65 anos deve começar a crescer

---

<sup>1</sup> O termo em português “nem-nem” deriva do fato destes jovens nem estudarem, nem trabalharem. Em inglês, o termo utilizado para este fenômeno é NEET (*Not in Education, Employment, or Training*).

<sup>2</sup> Razão entre o segmento etário da população definido como economicamente dependente (os menores de 15 anos de idade e os maiores de 65) e o segmento etário potencialmente produtivo (entre 16 e 64 anos de idade), na população residente em determinado espaço geográfico, no ano considerado.

(CÁRDENAS; HOYOS; SZÉKELY, 2011, p. 2). Isto significa que a parcela de população em idade ativa está, atualmente, próxima de seus níveis máximos. No entanto, os países da região parecem não estar sendo capazes de investir adequadamente em oportunidades educacionais e de emprego para esta parcela jovem da população e, dessa maneira, correm o risco de não capitalizar ao máximo esta janela de oportunidade demográfica.

Este fenômeno, no entanto, não é exclusivo dos países em desenvolvimento, como os da América Latina, que estão passando por este período de janela de oportunidade demográfica. A existência de um grande número de jovens que não estudam e não trabalham tem chamado a atenção também das autoridades políticas na União Europeia, em especial após a crise econômico-financeira iniciada em 2008, quando o percentual de jovens nem-nem passou a crescer no continente como um todo e em alguns países em particular. No ano de 2016, 14,2% dos jovens europeus entre 15 e 29 anos se encontravam nesta situação, o que corresponde a aproximadamente 12,6 milhões de pessoas. Na Itália, neste mesmo ano, 24,3% dos jovens se encontravam na condição de nem-nem e na Grécia, 22,2% dos jovens<sup>3</sup>.

Estes dados evidenciam a relevância do aprofundamento das pesquisas e discussões sobre os processos de transição escola-trabalho pelos quais passam os jovens, uma vez que uma parcela importante das juventudes não está conseguindo se engajar da maneira esperada. Se torna necessário, portanto, conhecer as diferentes características destas juventudes que estão em situação de não estudo e não trabalho e compreender o que as levam a esta condição, a fim de que se possa promover políticas adequadas que garantam a inclusão destes grupos.

Com base nestes pressupostos, este trabalho buscará inicialmente, fazer uma revisão teórica da literatura existente sobre as escolhas dos jovens entre estudo e trabalho. Apresentaremos as noções de *agência individual* e *condicionantes estruturais* para explicar as escolhas destes jovens. No capítulo seguinte, passaremos a analisar o fenômeno dos jovens nem-nem no Brasil nos últimos anos, identificando as principais características destes jovens no que se refere à composição de gênero, escolaridade, raça/cor, renda, entre outros.

No capítulo 4, apresentaremos investigação semelhante para os jovens na União Europeia: buscaremos identificar as principais características dos jovens europeus que não estudam e não trabalham na última década, apontando para algumas mudanças significativas que ocorreram a partir da crise de 2008, que afetou duramente muitos países daquela região.

---

<sup>3</sup> Fonte: Eurostat, 2018.

Por fim, passaremos a algumas considerações sobre semelhanças e diferenças que podem ser apreendidas a partir da comparação das características dos jovens nem-nem no Brasil e na Europa, buscando compreender a natureza do fenômeno nestes dois contextos distintos. Buscaremos também apontar lacunas e possibilidades para a elaboração de políticas públicas que visem aumentar a inserção dos jovens brasileiros que se encontram nesta condição.

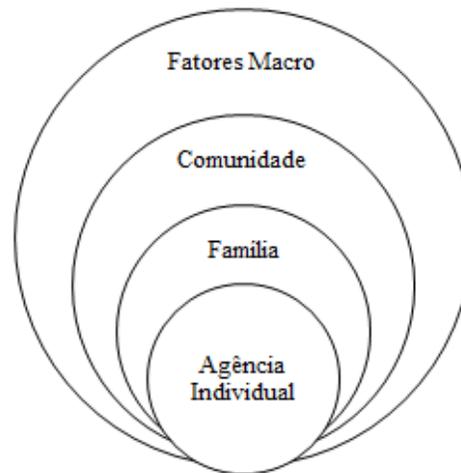
## 2 REVISÃO TEÓRICA SOBRE A ESCOLHA ESTUDO-TRABALHO

As noções de *agência* e *estrutura*, segundo Schoon e Lyons-Amos (2016), são elementos essenciais na explicação das diferentes trajetórias observadas na transição da adolescência para a vida adulta. Neste sentido, podemos pensar nas experiências que conformam este período como resultado tanto da escolha individual dos jovens – âmbito da *agência* –, como de suas histórias e contextos socioeconômicos, familiares, etc. prévios – âmbito da *estrutura*.

Machado e Muller (2018, p. 9) também fazem considerações acerca das noções de *agência* e de *estrutura* ao analisar como se dão as trajetórias dos jovens para a participação no mercado de trabalho ou no sistema educacional. A dimensão da *agência* se relacionaria com a escolha individual: em primeiro lugar, o indivíduo deve ter aspirações relacionadas ao estudo ou ao trabalho e deve ter predisposição para agir de acordo com estes anseios. Em segundo lugar, este indivíduo deve tomar ações de acordo com seus objetivos, para alcançar os resultados esperados. Já a *estrutura externa*, segundo as autoras, deve prover a estes jovens as condições mínimas para que eles acessem as oportunidades que almejam.

O esquema a seguir ilustra estas dimensões de *agência* e *estrutura* e como a primeira é determinada pela segunda: no centro da imagem, temos a agência individual do jovem que, com base em um processo de escolha racional, opta por seguir ou não com seus estudos; em ingressar ou não no mercado de trabalho. Esta decisão do jovem, no entanto, é moldada por fatores de ordem estrutural, tais como suas relações familiares; a comunidade onde ele está inserido; e elementos macro, como as condições econômicas do país, a existência de políticas públicas que promovam o acesso do jovem ao mercado de trabalho, etc.

FIGURA 1 – AGÊNCIA INDIVIDUAL E FATORES ESTRUTURAIS



FONTE: os autores, 2018.

Nesta seção, buscaremos então, fazer uma breve revisão da literatura sobre a escolha entre estudo-trabalho dos jovens com base nestas duas perspectivas. Inicialmente, trataremos das questões da agência individual, ressaltando que as decisões dos jovens de investir em educação ou não; de buscar vaga no mercado de trabalho ou não, resultam de escolhas individuais racionais com vistas a maximizar seu bem-estar diante das restrições que lhes são impostas.

Em seguida, faremos algumas considerações sobre aspectos estruturais que limitam as possibilidades de escolha e, em consequência, a trajetória futura destes jovens. É certo que pessoas fazem sua própria história, mas, como veremos “não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1978, p. 331 apud CARDOSO, 2013, p. 301).

## 2.1 A PERSPECTIVA DA AGÊNCIA

A abordagem do capital humano sugere que a juventude é uma faixa de idade propícia aos investimentos em formação e educação, já que assim há um horizonte temporal mais amplo para a maturação destes investimentos e para a recuperação de seus custos (BANCO MUNDIAL, 2007 apud TILLMAN; COMIM, 2016, p. 49). Esta abordagem propõe ainda que a decisão dos jovens de estudar pode ser entendida como uma decisão de investimento de longo prazo, onde os indivíduos contabilizariam os custos presentes deste investimento *versus* o retorno futuro esperado,

na forma de melhores salários, por exemplo. O jovem decide, então, se permanecerá estudando ou buscará ingresso no mercado de trabalho, tendo em vista seu potencial de gerar renda no presente *versus* a capacidade de acumular capital para gerar uma renda maior no futuro. Neste sentido, “*school enrollment is sensitive to the rate of returns to education*” (BANERJEE; DUFLO, 2011, p. 76).

Em países em desenvolvimento, essas decisões podem representar grandes custos de oportunidade para as famílias, em especial para aquelas em situação de maior vulnerabilidade: os jovens muitas vezes acreditam que investir mais tempo em educação pode não valer a pena pelos custos associados a este investimento. Somando-se a isso a – em geral – baixa qualidade da educação, ocorre que muitos adolescentes e jovens deixam a escola precocemente para buscar o ingresso no mercado de trabalho ou engajar-se no trabalho doméstico (BANERJEE; DUFLO, 2011; TILLMANN; COMIM, 2016).

Esta abordagem assume, portanto, que os indivíduos fazem escolhas com vistas a maximizar seu bem-estar, buscando antecipar da melhor maneira possível as “consequências incertas de seus atos” (TILLMANN; COMIM, 2016, p. 49). Se um jovem decide deixar os estudos precocemente seria, portanto, a partir de uma decisão racional que não vê possibilidades de ganhos suficientes com a escolaridade em relação ao seu custo (financeiro, de tempo, etc.) presente. O mesmo tipo de decisão racional de “custo-benefício” ocorreria para justificar o não ingresso destes jovens no mercado de trabalho: diante de dificuldades em encontrar emprego, muitos jovens acabam se refugiando na inatividade.

Em geral, a literatura sobre os jovens que não estudam nem trabalham se foca na transição estudo-trabalho, especialmente no abandono escolar dos jovens antes da conclusão do ensino médio e no descompasso entre as habilidades que se aprendem na escola e as demandadas no mercado de trabalho (BEHRMAN, HOYOS E SZÉKELY, 2014, p. 3). O modelo padrão para analisar esta tomada de decisão no que se refere aos investimentos em educação afirma, então, que estes investimentos serão realizados pelo agente até que o retorno marginal esperado da educação se iguale aos seus custos marginais esperados. Assim,

O retorno marginal esperado diminui na medida em que a escolarização aumenta, devido aos retornos marginais decrescentes das habilidades fixas e do estoque de capital humano acumulado em idades prévias. Já os custos marginais esperados são crescentes, devido aos crescentes custos de oportunidade de mais escolarização em relação a outras opções para a utilização do tempo (como trabalho, cuidar de outros membros da família, realizar atividades domésticas) (BEHRMAN, HOYOS E SZÉKELY, 2014, p. 7, tradução nossa).

Tillmann e Comim (2016) também citam o uso do tempo como uma das restrições mais fundamentais nesta tomada de decisão dos jovens, já que “enquanto a quantidade de bens e serviços pode ser expandida, o tempo disponível para consumi-los permanece limitado” (p. 49). Os autores argumentam que a inclusão da dimensão tempo é crucial para estudar as decisões de alocação de recursos por parte das famílias, em especial nas decisões que se referem ao acúmulo de capital humano. Os membros da família alocariam seu tempo, então, entre as tarefas domésticas e as de mercado, com vistas a maximizar seu bem-estar. As mulheres, como é sabido, acabam por se especializar nas tarefas domésticas, em função de características socioculturais, enquanto os homens tendem a ter vantagens no mercado de trabalho. Segundo os autores ainda, existem evidências empíricas que demonstram que “este tipo de trabalho [doméstico] é tão prejudicial à escolaridade quanto o ingresso no mercado de trabalho” (p. 50).

Isso acarreta, como veremos no próximo capítulo, que a maioria dos jovens que não estão estudando e tampouco trabalhando (no mercado), são mulheres, em grande parte casadas e com filho(s), que ocupam parte significativa de seu tempo com trabalhos domésticos.

## 2.2 A PERSPECTIVA ESTRUTURAL

Ainda que concordemos que os jovens optem por estudar / trabalhar ou não de acordo com um cálculo racional de custo-benefício, é imprescindível nos lembrarmos de que, ainda que estas sejam escolhas individuais, as mesmas são restritas por recursos e possibilidades muitas vezes limitadas. Cardoso (2013), discorrendo sobre a condição dos jovens nem-nem, aponta que a mesma é fruto da conjunção de dois fatores determinantes: de um lado, as trajetórias e escolhas individuais dos jovens; e, de outro, seus contextos de inserção social (a família, o sistema escolar, o mercado de trabalho). E, como sabemos, estes dois fatores são marcados por diversos tipos de desigualdades.

Como ponto de chegada de biografia mais ou menos escolhida, mais ou menos vivida como resíduo das escolhas de outros, ou seu resultado, a pessoa é, também, um conjunto multidimensional de possibilidades, cuja finitude é função dos recursos socialmente disponíveis, disponibilidade que está, desde logo, desigualmente distribuída. As pessoas não nascem iguais em suas potencialidades e possibilidades. A desigualdade está inscrita no território de nascimento [...], na existência ou não de hospitais e condições adequadas de salubridade do local de nascimento, nos recursos financeiros e culturais das famílias, no acesso à saúde pré-natal da mãe e do bebê etc., e nada disso está igualmente distribuído. Isso é uma trivialidade sociológica, e serve apenas para deixar claro, desde logo, que as pessoas não são potencialidades indeterminadas ao nascer. Seus caminhos possíveis

configuram um conjunto de probabilidades de destino em etapas sucessivas da vida que apenas muito tardiamente são vividas pela pessoa como propriamente fruto de escolhas suas (CARDOSO, 2013, p. 298-299).

Ao analisarmos o fenômeno dos jovens que não estão estudando, nem trabalhando, devemos buscar identificar, então, se existem determinadas condições socioeconômicas que favoreçam com que certos grupos sociais estejam mais sujeitos a estarem nesta condição de exclusão. Tilmann e Comim (2016) mencionam que muitos estudos voltados para analisar a tomada de decisão dos jovens entre estudo e trabalho, dão ênfase a características familiares, de gênero, renda e escolaridade para explicar estas decisões. Em seu estudo publicado recentemente pelo Banco Mundial, Machado e Muller (2018, p. 19), sugerem que jovens expostos a uma realidade de privação e pobreza, com normas de gênero restritivas, têm reduzida sua capacidade de agência e seu acesso a oportunidades de trabalho e estudos – em especial as jovens mulheres.

Segundo Behrman, Hoyos e Székely (2014) elementos familiares, comunitários e fatores macro são determinantes na tomada de decisão dos jovens, na medida em que fazem aumentar ou reduzir os retornos e os custos marginais do investimento em educação. Como fatores que afetariam os retornos ou os custos do investimento em educação, os autores citam, entre outros: renda familiar, apoio familiar para o aprendizado, estar ou não inserido em ambientes familiares disfuncionais (elementos familiares); acesso e qualidade das escolas e de equipamentos educacionais complementares, custos de transporte, padrões culturais ou religiosos (elementos comunitários); grau de estabilidade do sistema econômico, programas de transferência de renda condicionada, políticas de promoção da participação de determinados grupos no mercado de trabalho (elementos macro).

Schoon e Lyons-Amos (2016, p. 12) chamam atenção para o fato de que fatores macroestruturais, como mudanças nas condições econômicas e em arranjos institucionais, afetam de maneira distinta os diferentes indivíduos, a depender das classes sociais das quais eles fazem parte, de seu gênero, sua idade, etc. Segundo os autores, questões estruturais influenciam a agência dos indivíduos ao moldar, inclusive, suas aspirações e anseios para o futuro:

As crianças nascidas em famílias menos privilegiadas (caracterizadas por baixos níveis de educação parental, baixa renda e desemprego) tem, em geral, menores níveis de escolaridade (BREEN; GOLDTHORPE, 2001; BUKODI; GOLDTHORPE, 2013; SHAVIT; ARUM; GAMORAN, 2007), são menos propensas a aspirar irem para a universidade (REYNOLDS; JOHNSON, 2011; SCHOON, 2010), e são mais incertas em

relação a sua escolha educacional e ocupacional (SCHOON; LYONS-AMOS, 2016, p. 13, tradução nossa).

Ao invés de considerar todos os possíveis custos e benefícios a partir de uma perspectiva autocentrada, Machado e Muller (2018, p.17) argumentam que as escolhas dos jovens são influenciadas por seus contextos, redes e normas sociais, que acabam por moldar o modelo mental destes jovens e tem um papel em determinar o que estes indivíduos consideram como desejável, possível ou mesmo “imaginável” para suas vidas.

Tendo estas premissas em mente, passaremos então a traçar um perfil dos jovens brasileiros que não trabalham, nem estudam. Trataremos de identificar as principais características deste diverso grupo no que concerne a gênero, raça, estado civil, escolaridade, entre outras, a fim de compreender se existem determinados aspectos que tornam alguns jovens mais sujeitos a estarem na condição de “nem-nem” do que outros.

### 3 OS JOVENS NEM-NEM NO BRASIL

O Brasil vem observando uma redução na razão de dependência desde os anos 1970, em decorrência de seu processo de transição demográfica. Estima-se que o ponto mais baixo da razão de dependência no país deverá ocorrer entre os anos de 2015 e 2025, o que indica que estamos passando por nosso melhor momento da janela de oportunidade demográfica (ALVES; CAVENAGHI, 2016). A população em idade ativa (PIA) no Brasil, em 2016, era de aproximadamente de 160 milhões de pessoas, o que significa que cerca de 77% da população estava em faixas etárias teoricamente aptas a exercer atividades econômicas (IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016). Assim, essa maior proporção da população em idade ativa teria maior condição produtiva de fazer melhorar as condições de vida no país. A partir de 2025, no entanto, a razão de dependência começará a crescer, em função do maior número de idosos. O Brasil tem, deste modo, menos de uma década para colher “os últimos ventos favoráveis da estrutura etária” (ALVES; CAVENAGHI, 2016, *online*).

O que vemos, porém, é que o país não tem sabido aproveitar de maneira adequada esta janela de oportunidade demográfica. É preocupante que exista uma parcela importante dos jovens brasileiros que não está estudando, tampouco trabalhando; já que quanto maior o número de jovens fora da população economicamente ativa e que não estudam, menores serão os benefícios desta janela de oportunidade demográfica. No ano de 2016, cerca de 21,9% da população brasileira era composta por jovens entre 16 e 29 anos, o que representa aproximadamente 45 milhões de pessoas nesta faixa etária. Neste mesmo ano, 11,6 milhões destes jovens não estavam estudando, nem estavam ocupados, o que significa dizer que um quarto dos jovens brasileiros estava na condição de “nem-nem” (IBGE, Síntese de Indicadores Sociais, 2017). É certo que este cenário de exclusão de parcelas significativas das juventudes foi agravado pela profunda crise política e econômica pela qual Brasil vem passando desde meados de 2013. Mas chama atenção que mesmo entre os anos de 2010 e 2012, quando o país passava por um período de crescimento econômico – o que de acordo com o esperado, haveria de gerar mais oportunidades de estudos e trabalho –, o número de jovens nem-nem no Brasil tenha crescido (ALVES; CAVENAGHI, 2016, *online*).

Isto indica que o Brasil está longe de conseguir engajar uma parcela significativa de seus jovens nos estudos e em oportunidades de trabalho decente, mesmo nos períodos de maior prosperidade econômica. Buscaremos, a seguir, traçar um perfil mais detalhado destes jovens

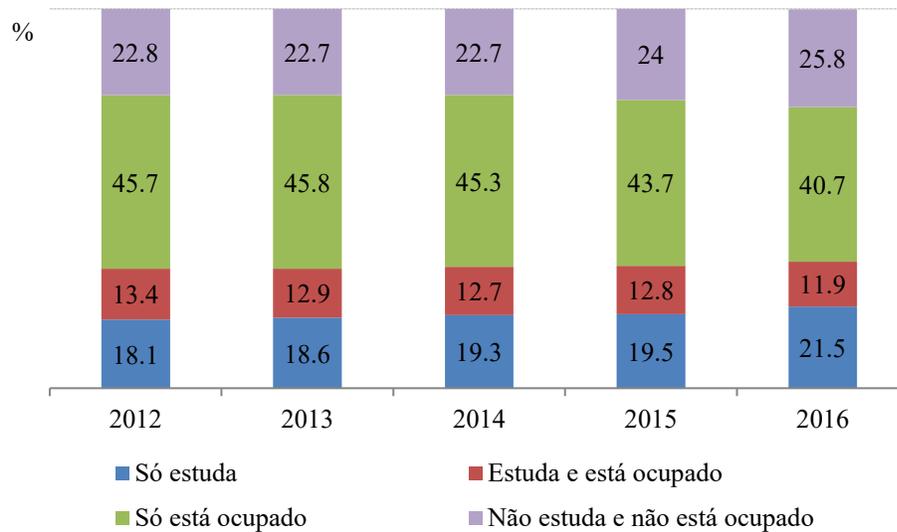
brasileiros que não estão estudando, nem trabalhando, utilizando como referência principal a Síntese de Indicadores Sociais, publicada pelo IBGE com base nos dados obtidos na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), entre os anos de 2012 a 2016.

### *3.1 PERFIL DOS JOVENS NEM-NEM NO BRASIL*

Em 2016, cerca de um quarto dos jovens brasileiros entre 16 e 29 anos não estudava e não estava ocupado. Este percentual cresceu a partir de 2015, mas se observarmos os anos anteriores, veremos que sempre esteve acima dos 22% (Gráfico 1). É importante destacarmos que, apesar de estarmos trabalhando com a categoria de 16 a 29 anos – já que esta é a faixa etária que o IBGE caracteriza como juventude –, este grupo etário é bastante amplo e heterogêneo. Assim, ao observarmos a desagregação entre os subgrupos etários (Tabela 1), percebemos que há diferenças significativas nas atividades nos quais eles estão engajados. Entre os jovens de 16 e 17 anos, em 2016, quase 70% só estudavam e 13% estudavam e trabalhavam. Isto é condizente com o expressivo aumento de jovens que completam o ensino médio, desde o início dos anos 2000 (MONTEIRO, 2013, p. 6), já que – em geral – jovens nesta faixa etária estão concluindo esta etapa de ensino. O percentual de jovens que não estudam, nem trabalham nesta faixa etária ficou em torno de 12%, de 2012 a 2016.

A proporção de jovens nem-nem começa a crescer mais expressivamente a partir dos 18 anos de idade. Em 2016, 30% dos jovens de 18 a 24 anos estavam nesta condição e quase 26% dos que tinham entre 25 e 29 anos. Nestas faixas etárias, cresce substancialmente a parcela de jovens que só estão ocupados e a parcela de jovens que ainda estudam cai drasticamente. Isto indica que, ainda que o Brasil tenha observado um aumento no acesso ao ensino superior nos últimos anos, a parcela de jovens que frequenta a universidade ainda é bastante baixa no país (MONTEIRO, 2013; MACHADO, MULLER, 2018).

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE, SEGUNDO O TIPO DE ATIVIDADE NA SEMANA DE REFERÊNCIA - BRASIL - 2012-2016



Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2017 com base em PNAD Contínua, 2012 a 2016.

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE, POR TIPO DE ATIVIDADE NA SEMANA DE REFERÊNCIA E GRUPOS DE IDADE (%) - BRASIL – 2012-2016

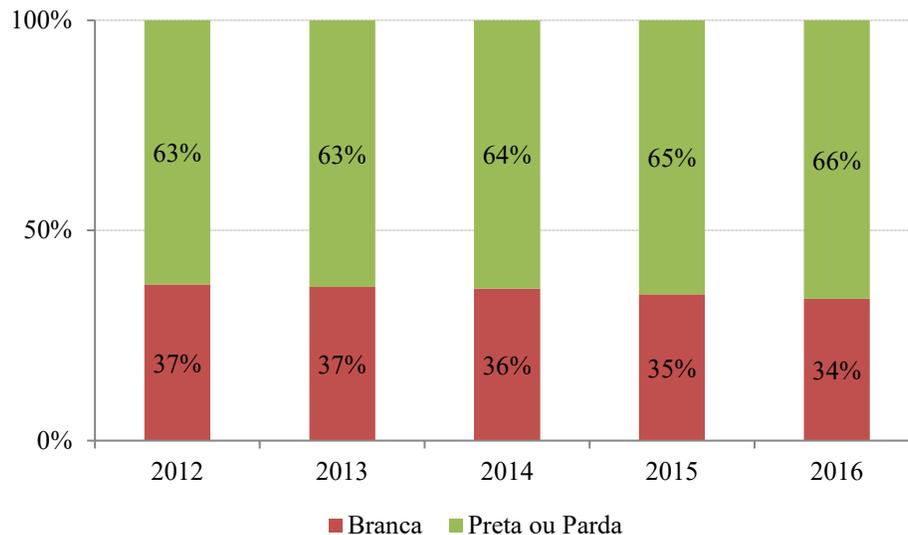
	Só estuda	Estuda e está ocupado	Só está ocupado	Não estuda e não está ocupado
<b>16 e 17 anos</b>				
2012	60,2%	19,3%	7,6%	12,8%
2013	61,9%	18,4%	7,4%	12,3%
2014	62,8%	16,8%	7,9%	12,6%
2015	64%	17,2%	6,4%	12,3%
2016	69,8%	13,1%	4,8%	12,3%
<b>18 a 24 anos</b>				
2012	15,3%	15,1%	44,4%	25,2%
2013	15,8%	14,7%	44%	25,5%
2014	16,9%	14,7%	43,4%	25%
2015	16,7%	14,5%	41,4%	27,3%
2016	18,4%	13,6%	37,9%	30,1%
<b>25 a 29 anos</b>				
2012	3,4%	8,3%	64,5%	23,9%
2013	3,5%	7,9%	65,3%	23,2%
2014	3,3%	8,2%	64,7%	23,8%
2015	3,8%	8,2%	63,5%	24,5%
2016	4%	8,9%	61,3%	25,8%

Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2017 com base em PNAD Contínua, 2012 a 2016.

No que se refere à questão racial, vemos que a desigualdade entre brancos e negros que são observadas em uma série de indicadores sociais, também é identificada quando se trata de jovens fora da escola e do mercado de trabalho. Observando o gráfico 2 vemos que, em todos os

anos, mais de 60% dos jovens nem-nem eram pretos ou pardos. Em seus estudos sobre o perfil dos jovens nem-nem, Machado e Muller (2018) e Costa e Ulyssea (2014) chamam a atenção para o fato de que há uma probabilidade maior para os jovens negros de estarem fora da escola e do mercado de trabalho, que para os jovens brancos.

GRÁFICO 2 - PROPORÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, POR COR E RAÇA<sup>4</sup>, NA SEMANA DE REFERÊNCIA - BRASIL - 2012-2016.



Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2017 com base em PNAD Contínua, 2012 a 2016.

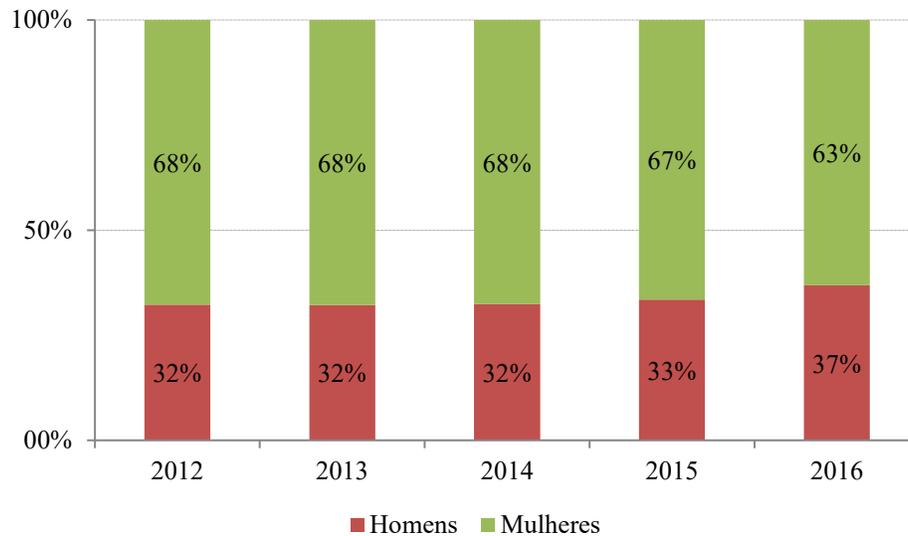
A Síntese de Indicadores Sociais (IBGE, 2017, p. 51) aponta ainda que tanto a frequência escolar quanto o nível de ocupação são mais baixos para os jovens pretos ou pardos que para os jovens brancos. O mesmo é observado comparando-se os resultados com o recorte de gênero: homens brancos em comparação com homens pretos ou pardos; e mulheres brancas em comparação com mulheres pretas ou pardas. “A literatura tem amplamente documentado que tais desigualdades resultam não apenas do menor nível de instrução da população preta ou parda, como também de discriminação no mercado de trabalho (IBGE, 2017, p. 51).

Quando passamos à comparação por gênero, vemos que “[...] apesar do percentual de jovens que não estudam nem estão ocupados ter sido afetado por questões conjunturais que impactaram o mercado de trabalho em geral nos últimos anos, existem aspectos estruturais que

<sup>4</sup> Na PNAD Contínua não são apresentados resultados para amarelos, indígenas ou sem declaração de cor ou raça.

influenciam a composição desse grupo” (IBGE, 2017, p. 51). Observamos, ao longo de toda a série (Gráfico 3), que mais de 60% dos jovens que não estudam e não trabalham são mulheres.

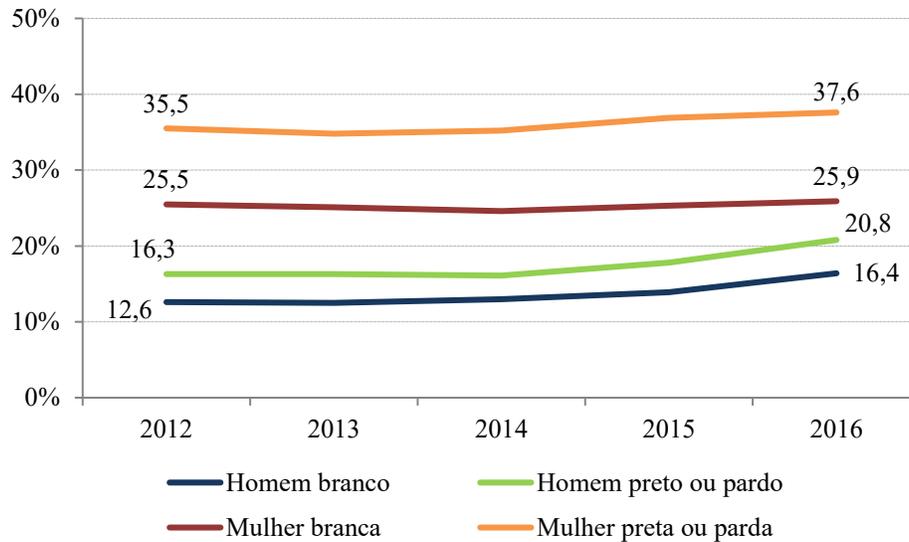
GRÁFICO 3 - PROPORÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, POR GÊNERO, NA SEMANA DE REFERÊNCIA - BRASIL - 2012-2016.



Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2017 com base em PNAD Contínua, 2012 a 2016.

Camarano e Kanso (2012, p. 38) chamam a atenção para o forte componente de gênero presente no fenômeno dos jovens nem-nem e apontam que uma parte expressiva das mulheres nesta condição está desempenhando o “tradicional papel de mãe e dona de casa”. O elemento gênero tem, inclusive, maior influência que o elemento cor ou raça na composição do grupo de jovens que não estudam nem estão ocupados. Segundo a Síntese de Indicadores Sociais (IBGE, 2017) jovens mulheres brancas tinham probabilidade 1,2 vezes maior que jovens homens pretos ou pardos de estarem nesta condição. O gráfico a seguir traz o percentual de jovens nem-nem dentro de cada uma das categorias selecionadas: mulheres pretas ou pardas, mulheres brancas, homens pretos ou pardos e homens brancos. Vemos que o maior percentual de nem-nem está entre as mulheres pretas ou pardas (37,6% delas eram nem-nem em 2016), enquanto o percentual mais baixo se encontra entre homens brancos (16,4% deles eram nem-nem no mesmo ano).

GRÁFICO 4 - PERCENTUAL DE JOVENS DE 15 A 29 ANOS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS NA SEMANA DE REFERÊNCIA, DENTRO DO TOTAL DA CATEGORIA (COR OU RAÇA E GÊNERO). BRASIL - 2012 - 2016.



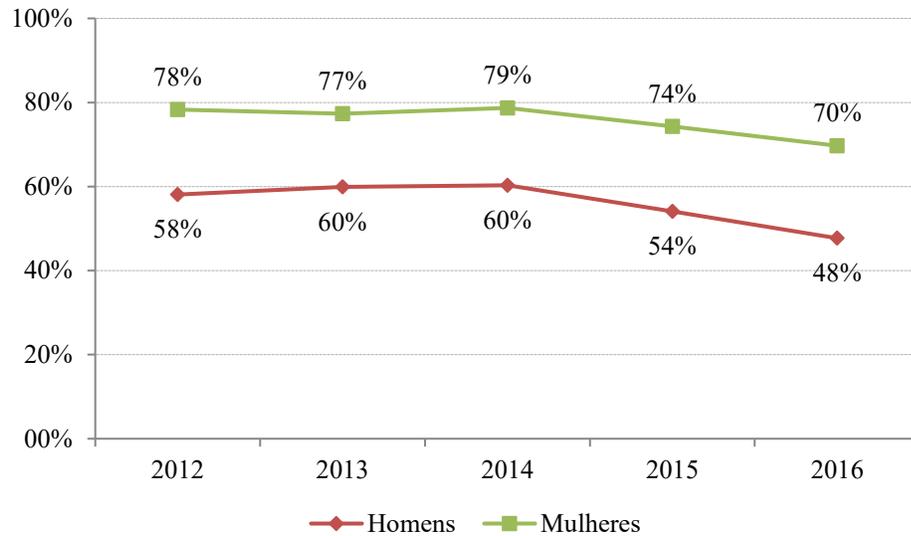
Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2017 com base em PNAD Contínua, 2012 a 2016.

“Há, também, um forte viés de gênero dentro da problemática dos nem-nem, uma vez que as mulheres jovens são mais propensas a permanecer em casa para cuidar de irmãos menores, já serem mães ou, ainda, para realizar as atividades domésticas (CHEVALIER; VIITANEN, 2003; NOVELLINO, 2010). Estudo realizado por Costa e Ulysea (2014) mostra que ser mulher e ter filhos estão entre as principais características associadas à propensão de ser nem-nem” (TILLMANN; COMIM, 2016, p. 51)

Há ainda uma importante distinção entre o perfil dos jovens homens e mulheres que se encontram fora dos estudos e do mercado de trabalho: entre os homens nem-nem, prevalecem os que estão desocupados<sup>5</sup>; enquanto entre as mulheres, prevalecem as que estão fora da força de trabalho. Ou seja, entre os jovens que não estavam estudando ou trabalhando, os homens foram os que mais procuraram trabalho e estavam disponíveis para trabalhar caso tivessem êxito na busca, enquanto a maioria das mulheres na condição nem-nem sequer estava buscando oportunidades no mercado de trabalho.

<sup>5</sup> Por *desocupado* “entende-se aquele que tomou providência para conseguir ocupação (período de referência de 30 dias) e poderia começar a trabalhar na semana de referência, estando, portanto, na força de trabalho; e que por *fora da força de trabalho*, aquele que não tomou providência e/ou não poderia começar a trabalhar em uma ocupação” (IBGE, 2017, p. 52).

GRÁFICO 5 - PROPORÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, QUE ESTÃO FORA DA FORÇA DE TRABALHO, POR GÊNERO, NA SEMANA DE REFERÊNCIA - BRASIL - 2012-2016.



Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2017 com base em PNAD Contínua, 2012 a 2016.

O Gráfico 5 apresenta o percentual de homens e mulheres nem-nem que estavam fora da força de trabalho. Como mencionado anteriormente, essa proporção é maior entre as mulheres: em 2016, 70% das mulheres em condição nem-nem estava fora da força de trabalho, enquanto entre os homens essa proporção era de 48%. Vemos, por sua vez, que a proporção de mulheres fora da força de trabalho vem caindo desde 2012. Segundo Monteiro (2013), embora essas tendências recentes sejam positivas – em função do aumento da participação da mulher no mercado de trabalho –, as mulheres ainda apresentam níveis de inatividade bastante altos. A autora ressalta ainda (2013, p. 2) que esse grupo merece uma atenção especial “para entender se a condição nem-nem é resultado da falta de opções para cuidado de filhos enquanto trabalham ou estudam”.

A PNAD Contínua de 2016, indagou aos jovens que não estavam ocupados e que não procuravam emprego, não queriam ou não poderiam trabalhar na semana de referência, o motivo pelo qual eles não estavam procurando ocupação. Mais uma vez, há uma importante diferença entre o que foi respondido pelas mulheres e o que foi respondido pelos homens (Tabela 2). Quase 35% das jovens mulheres, responderam não estarem procurando ocupação por terem que cuidar de afazeres domésticos, do(s) filho(s) ou de outro(s) parente(s), enquanto apenas 1,4% dos homens alegou este motivo para a inatividade. Entre os homens, o principal motivo citado para não estarem procurando trabalho foi a falta de oportunidades de emprego na localidade (44,4%).

Apesar desta distinção entre os motivos que deixam homens e mulheres fora da força de trabalho, chama a atenção o desalento com o mercado de trabalho que afeta ambos os gêneros. Uma parcela expressiva de homens e mulheres (55,8% 38,2% respectivamente) e responderam que não estavam buscando ocupação por não haver trabalho na localidade ou por não conseguirem trabalho adequado, indicando que há uma parcela da juventude que “afirma não ter buscado uma ocupação em decorrência de um sentimento de desânimo com o mercado de trabalho” (IBGE, 2017, p. 56).

TABELA 2 - JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, SEGUNDO O PRINCIPAL MOTIVO DE NÃO TER TOMADO PROVIDÊNCIA PARA CONSEGUIR TRABALHO, POR SEXO – BRASIL - 2016

Motivo	Homens	Mulheres
Não havia trabalho na localidade	<b>44,4%</b>	32,0%
Estava aguardando resposta de medida tomada para conseguir trabalho	13,6%	6,2%
Não conseguia trabalho adequado	11,4%	6,2%
Estava estudando (curso de qualquer tipo ou por conta própria)	8,0%	5,2%
Por problema de saúde ou gravidez	6,7%	6,6%
Outro motivo	6,4%	3,7%
Não tinha experiência profissional ou qualificação	5,8%	3,5%
Não conseguia trabalho por ser considerado muito jovem	2,4%	1,8%
Tinha que cuidar dos afazeres domésticos, do(s) filho(s) ou de outro(s) parente(s)	1,4%	<b>34,6%</b>
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2017 com base em PNAD Contínua, 2012 a 2016.

A PNAD Contínua de 2016 também perguntou aos jovens que não estudavam, nem estavam ocupados sobre a realização de afazeres domésticos e tarefas de cuidado com outros moradores do domicílio ou parentes: enquanto 92,1% das mulheres responderam realizar tarefas de cuidado e afazeres domésticos, somente 61,3% dos homens indicaram realizar tais tarefas. Isto corrobora a hipótese de que, no caso brasileiro, “práticas culturais – a mulher ser a principal responsável por afazeres domésticos e tarefas de cuidados – excluem as mulheres jovens do mercado de trabalho” (IBGE, 2017, p. 55).

Em seu estudo publicado recentemente pelo Banco Mundial, Machado e Muller (2018) realizaram entrevistas em profundidade com 77 jovens brasileiros – homens e mulheres – que estão fora do mercado de trabalho e não estão estudando. Nestas entrevistas, as pesquisadoras

identificaram que o grupo de jovens que não expressa aspirações ou predisposição interna a retornar à escola ou ao mercado de trabalho é formado, predominantemente, por jovens mulheres com filhos pequenos e que vivem em uniões afetivas. Estas mulheres são economicamente dependentes de seus parceiros ou outros membros da família; tendem a ver o cuidado com a família como sua principal responsabilidade e atribuem menos significado às suas aspirações e projetos pessoais. Neste sentido, as autoras chamam a atenção para a necessidade de se compreender adequadamente as questões relacionadas ao gênero para a análise do fenômeno dos jovens nem-nem.

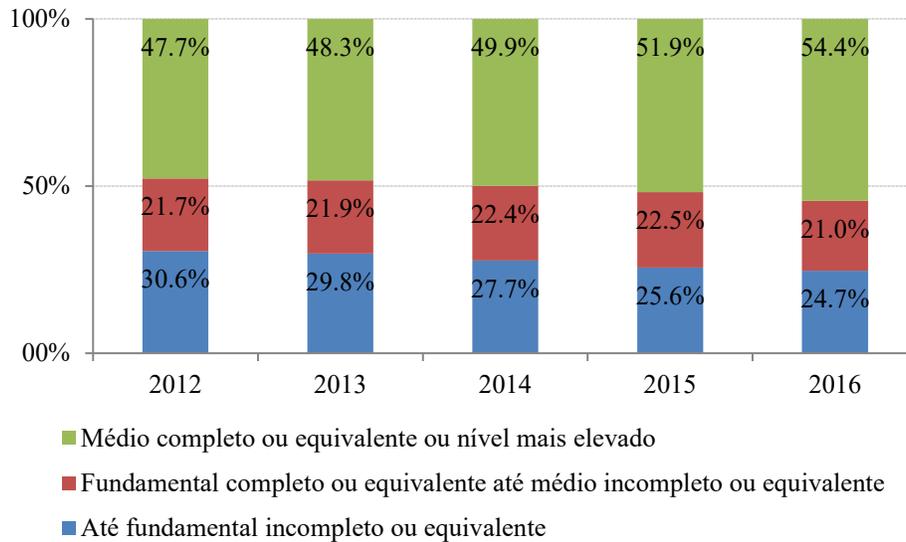
Girls and boys may have different experiences and perceptions about their roles in society. Gendered social norms can shape girls' and boys' aspirations. Motivators to drop out of school and labor markets are likely to differ across genders. Understanding gender dimensions of the “nem nem” phenomenon helps identify strategies that may break the intergenerational persistence of gender inequalities – particularly among the vulnerable populations” (MACHADO; MULLER, 2018, p. 6).

No que se refere à escolaridade, até o ano de 2014, a maioria dos jovens nem-nem não tinha chegado a concluir o ensino médio; a partir de 2015, a maior parte dos jovens que não estavam estudando nem trabalhando tinha ensino médio completo ou equivalente. Vemos então, (Gráfico 6) que entre os anos de 2012 e 2016 houve um aumento na proporção dos jovens com ensino médio completo ou nível mais elevado e uma redução na proporção dos jovens com ensino fundamental incompleto – a proporção de jovens com ensino fundamental completo e ensino médio incompleto permaneceu estável ao longo deste período. Segundo Monteiro (2013, p. 6), o que explica esta variação foi o avanço na escolaridade da população brasileira nos últimos anos<sup>6</sup>. Houve um aumento no número de jovens com ensino médio completo e nos que tem acesso ao ensino superior, enquanto a proporção de jovens com ensino fundamental incompleto vem caindo significativamente na última década. No entanto, a autora destaca que “tanto homens quanto mulheres tendem a participar mais da PEA conforme se educam mais” (MONTEIRO, 2013, p.7).

---

<sup>6</sup> Segundo a organização Todos Pela Educação, com base em dados da PNAD-IBGE, o percentual de jovens de 16 anos que concluíram o Ensino Fundamental passou de 69,4% em 2012 para 76% em 2015. Já o percentual de jovens de 19 anos que haviam concluído o Ensino Médio, passou de 53% em 2012 para 58,5% em 2015. Por fim, o percentual de jovens de 18 a 24 anos que frequentavam o Ensino Superior passou de 11,4% em 2005 para 18,4% em 2015.

GRÁFICO 6 - PROPORÇÃO DE JOVENS DE 16 A 29 ANOS DE IDADE QUE NÃO ESTUDAM E NÃO ESTÃO OCUPADOS, POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO MAIS ALTO ALCANÇADO – BRASIL – 2012-2016.



Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2017 com base em PNAD Contínua, 2012 a 2016.

Além disso, Camarano e Kanso (2012, p. 43) chamam a atenção para a escolaridade do chefe do domicílio no qual vivem os jovens, que

tem sido apontada, também, como um indicador importante das condições socioeconômicas de uma família. A mais baixa escolaridade do chefe foi observada nos domicílios onde estavam os que não estudavam e não trabalhavam. Por outro lado, os chefes com escolaridade mais alta são observados nos domicílios onde residiam jovens que estudavam e trabalhavam, ou seja, nos de maior renda.

No que se refere à renda das famílias nas quais os jovens que não estudam nem trabalham estão inseridos, Cardoso (2013, p. 303) sugere que quanto mais pobres estas famílias, maior deverá ser a proporção de jovens nem-nem, “[...] já que é potencialmente menor a capacidade das famílias sustentarem seus filhos na escola, menor a escolaridade média destes e menores as chances de emprego, dada a baixa qualificação”. Em seu estudo sobre os jovens nem-nem, Monteiro (2013, p.8) afirma que a taxa de inatividade está fortemente associada à baixa renda: segundo a autora, em 2011, 35% dos jovens pertencentes aos 20% mais pobres do país (1º quintil da distribuição de renda) não estudavam e não participavam do mercado de trabalho. Naquele mesmo ano, 55% dos jovens na condição de nem-nem eram pobres, vivendo em domicílios pertencentes aos 40% mais pobres da população. A autora demonstra ainda que, conforme subimos na distribuição de renda, a taxa de jovens nem-nem vai decrescendo.

Em estudo de 2012, Camarano e Kanso também explicitam a relação entre baixa renda e a ocorrência de jovens nem-nem nas famílias:

os jovens que não estudavam nem trabalhavam estavam inseridos em famílias cujo rendimento médio domiciliar per capita era o mais baixo dentre as famílias que tinham jovens nas outras categorias. Por exemplo, o rendimento médio mais alto foi observado nos domicílios que tinham jovens que participavam da PEA e estudavam. Seu valor médio era o dobro do rendimento médio per capita daqueles onde os jovens não estudavam nem participavam das atividades econômicas. [...] Resumindo, esses jovens estão inseridos nos domicílios de renda mais baixa (CAMARANO; KANSO, 2012, p. 42).

A renda é, portanto, um fator relevante na alocação do tempo entre estudo e trabalho pelos jovens: Camarano e Kanso (2012, p. 43) afirmam que a renda familiar afeta de maneira positiva a probabilidade do jovem estudar – principalmente sem trabalhar – e de maneira negativa a de trabalhar sem estudar e a de não realizar nenhuma das atividades.

Ao traçarmos este breve perfil do jovem brasileiro que não estuda, nem trabalha, vemos então que ser mulher – em especial com filho(s) – negra (o), ter escolaridade baixa e baixa renda domiciliar são características que aumentam a probabilidade do jovem estar inserido nesta categoria, reforçando a perspectiva mencionada no capítulo anterior de que fatores estruturais são chave na determinação das possibilidades e escolhas individuais. Passaremos, a seguir, a uma descrição do perfil dos jovens nem-nem na Europa, para então tentarmos apontar similaridades e contrastes na ocorrência deste fenômeno nestes dois contextos.

#### 4 OS JOVENS NEM-NEM NA EUROPA

A União Europeia é formada atualmente por 28 estados membros, havendo um certo grau de heterogeneidade socioeconômica entre estes muitos países: a Alemanha, por exemplo, tinha população de cerca de 81 milhões de habitantes e renda média anual de 23.500 euros, em 2015; enquanto a Estônia, naquele mesmo ano, apresentava população de 1,3 milhões de pessoas e renda média anual de 9.500 euros (EUROSTAT, 2018). Esta diversidade também é observada quando se trata de estrutura etária e outros aspectos demográficos: enquanto a Irlanda, em 2016, apresentava uma taxa de fecundidade de 1,81 filhos por mulher e as pessoas acima de 60 anos correspondiam à 18,2% do total da população; na Itália, no mesmo ano, a taxa de fecundidade era de apenas 1,34 filhos por mulher e a população acima de 60 representava 28% da população (EUROSTAT, 2018). Para os fins deste trabalho, no entanto, usaremos dados agregados para a União Europeia, a fim de fazer ao final uma comparação com a situação dos jovens nem-nem naquele continente e no Brasil. Não nos enfocaremos, portanto, nos aspectos particulares e específicos de cada um dos 28 países, à exceção de quando os dados forem de extrema relevância para nossa análise.

A Europa, desde os anos 1950, apresenta taxas de crescimento populacional em declínio e mais baixas que os demais continentes. “Na primeira década deste século as suas taxas tornam-se negativas, indicando [...] que a sua população começa a diminuir” (BRITO, 2007, p. 10). Taxas de natalidade consistentemente baixas e uma expectativa de vida mais alta transformaram a pirâmide etária europeia: o continente apresenta uma população mais envelhecida que a brasileira e, proporcionalmente, uma população em idade ativa menor que a do Brasil (BRITO, 2007).

Os 28 países membros da União Europeia somavam, em 2016, uma população de 510,3 milhões de pessoas (EUROSTAT, 2018)<sup>7</sup>. A população abaixo dos 15 anos representava cerca de 15,6% do total, enquanto a população com mais de 65 anos representava aproximadamente 19,2% da população europeia. Isto significa que apenas 65,2% da população europeia estava em idade ativa (entre 15 e 64 anos) em 2016 – percentual bastante abaixo dos 77% observados no Brasil naquele mesmo ano. Havia, em 2016 na União Europeia, cerca de 1,9 pessoas em idade ativa para cada pessoa dependente (crianças e idosos).

---

<sup>7</sup> Fonte: Eurostat. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population\\_structure\\_and\\_ageing#Past\\_and\\_future\\_population\\_ageing\\_trends\\_in\\_the\\_EU](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population_structure_and_ageing#Past_and_future_population_ageing_trends_in_the_EU)>. Acesso em: 28 Mai. 2018.

Considerando-se a alta razão de dependência no continente europeu, o fato de haver um percentual importante de jovens entre 15 e 29 anos que não estão nem estudando, nem trabalhando torna-se alvo de preocupação. Em 2016, cerca de 17,4% da população europeia tinha entre 15 e 29 anos, representando aproximadamente 89 milhões de jovens no continente. Dentre estes, aproximadamente 14,2% não estavam estudando, tampouco trabalhando naquele ano. Apresentaremos a seguir um breve perfil deste grupo, traçando, sempre que possível, paralelos entre as características dos jovens nem-nem na Europa e no Brasil. Teremos como fonte principal para esta análise, dados gerados pelo Gabinete de Estatísticas da União Europeia (Eurostat) e investigações sobre os jovens nem-nem na Europa, produzidas pela Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho (Eurofound).

#### *4.1 PERFIL DOS JOVENS NEM-NEM NA EUROPA*

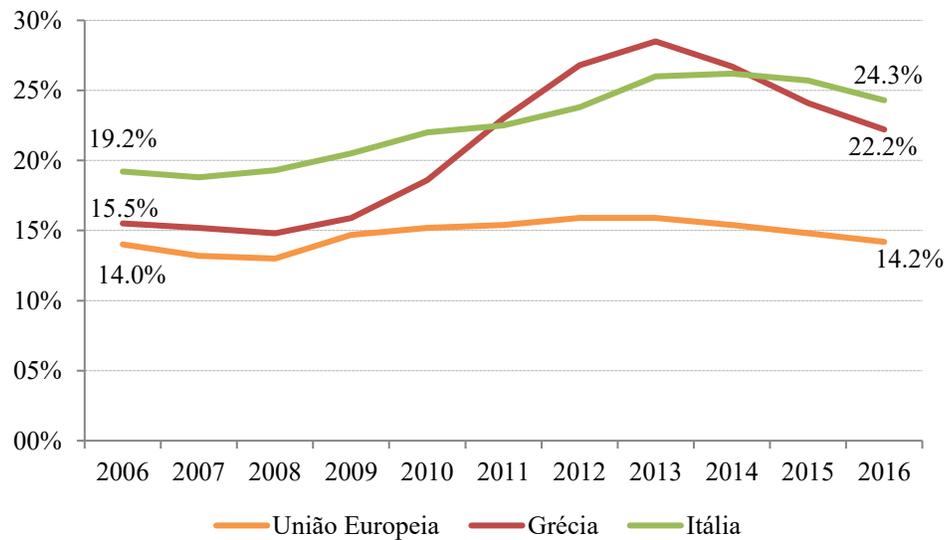
A população jovem europeia foi fortemente atingida pela crise econômica que se iniciou em 2008. Ainda que o desemprego entre os jovens não seja um fenômeno novo, a dimensão desta crise colocou a questão no centro dos debates da Comissão Europeia e dos estados membros da União (MASCHERINI, 2017, p. 164). Muitos jovens europeus têm encontrado dificuldade em ingressar no mercado de trabalho ao concluírem seus estudos, fazendo com que o percentual de jovens que não estudam e não trabalham tenha aumentado nos anos que se seguiram à crise, em especial em países como Itália, Grécia e Bulgária, que apresentam os maiores percentuais de jovens nem-nem na Europa (EUROSTAT, 2015, p. 142). É amplamente aceito na literatura que o desemprego juvenil é mais suscetível aos ciclos econômicos, subindo muito mais que a taxa total de desemprego nos períodos de crise (FREEMAN; WISE, 1982 apud EUROFOUND, 2016, p. 5). No caso da Europa não foi diferente: a crise iniciada em 2008 teve efeitos desproporcionais sobre as oportunidades de capacitação e empregabilidade dos jovens.

Nos anos pré-crise, o percentual de jovens nem-nem vinha apresentando tendência de queda para todos os países da União Europeia. No entanto, a partir de 2008 esta tendência se reverteu e o percentual de jovens que não estudavam e não trabalhavam passou a subir (EUROFOUND, 2016, p. 15). Para a União Europeia como um todo, o percentual de jovens de 15 a 29 anos que não estudam e não trabalham era de 14% em 2006, chegou a 15,9% em 2013 e voltou a cair, representando 14,2% dos jovens europeus no ano de 2016 (ver gráfico 7). Ainda assim, o

percentual de jovens nem-nem na Europa encontra-se bastante abaixo dos 25,8% registrados no Brasil em 2016.

Em alguns países, no entanto, este percentual é muito mais elevado, caso da Itália e da Grécia que foram duramente afetados pela crise e apresentam percentual de jovens nem-nem mais próximos ao do Brasil. Na Grécia, em 2016, 22,2% dos jovens de 15 a 29 anos não estudavam e não trabalhavam, mas este percentual chegou a 28,% no ano de 2013; enquanto na Itália, 24,3% dos jovens estavam na categoria nem-nem no ano de 2016. Este percentual é ainda mais elevado se olharmos os dados para o grupo etário de 25 a 29 anos de idade, como veremos mais à frente. Por outro lado, alguns países europeus apresentam um percentual de jovens nem-nem muito inferiores, caso de Dinamarca, Luxemburgo, Holanda e Suécia: nestes países, menos de 8% dos jovens de 15 a 29 não estudavam e não trabalhavam em 2016, explicitando a heterogeneidade entre os países do bloco europeu.

GRÁFICO 7 - PERCENTUAL DE JOVENS DE 15 A 29 ANOS, QUE NÃO ESTAVAM ESTUDANDO E NEM TRABALHANDO - UNIÃO EUROPEIA, GRÉCIA, ITÁLIA - 2006 - 2016



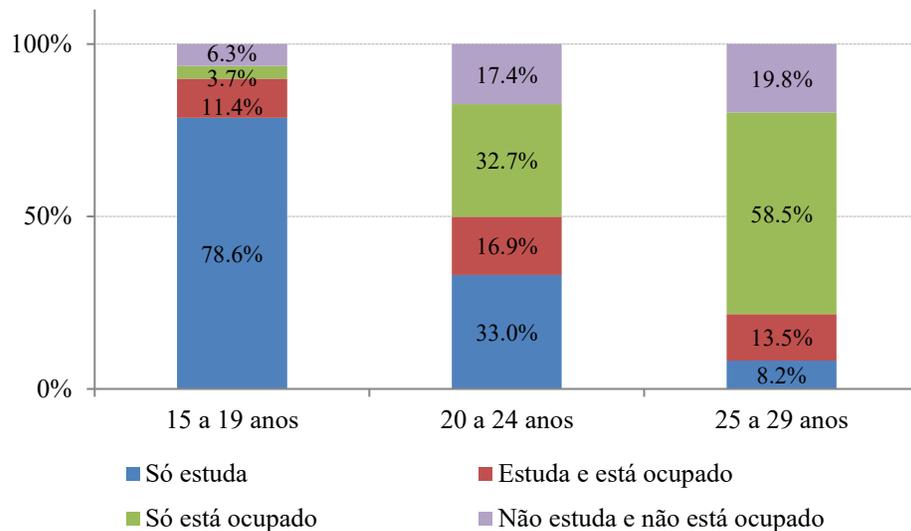
Fonte: Eurostat, 2018.

Ao desagregarmos os dados sobre as atividades dos jovens entre os diferentes grupos etários, observamos uma diferença expressiva nos padrões de ocupação, como pode ser observado no gráfico 8. Enquanto a maior parte dos jovens de 15 a 19 anos está exclusivamente estudando (78,6%) e a proporção de jovens nem-nem é baixa (6,3%) a partir dos 20 anos, a proporção de

jovens que não estudam e não trabalham passa a subir. Este percentual é mais expressivo no grupo etário de 25 a 29 anos, no qual quase 20% não estudava e não trabalhava, em 2016.

Segundo relatório publicado pela Eurostat (2015, p. 11), diante da dificuldade de ingresso no mercado de trabalho, um crescente número de jovens europeus tem optado por passar mais tempo estudando. Assim, enquanto no Brasil – em 2016 – apenas 12,9% dos jovens de 25 a 29 anos estudavam; na Europa, neste mesmo ano e grupo etário, cerca de 21,7% dos jovens ainda estudavam. A discrepância é ainda maior para o grupo etário anterior, devido ao ainda baixo percentual de brasileiros com acesso ao ensino superior: em 2016, somente 32% dos brasileiros entre 18 e 24 anos ainda estudavam, enquanto que no mesmo ano, na Europa, praticamente 50% dos jovens entre 20 e 24 anos estavam estudando.

GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO TIPO DE ATIVIDADE QUE EXERCE, POR GRUPOS ETÁRIOS - UNIÃO EUROPEIA - 2016.



Fonte: Eurostat, 2018.

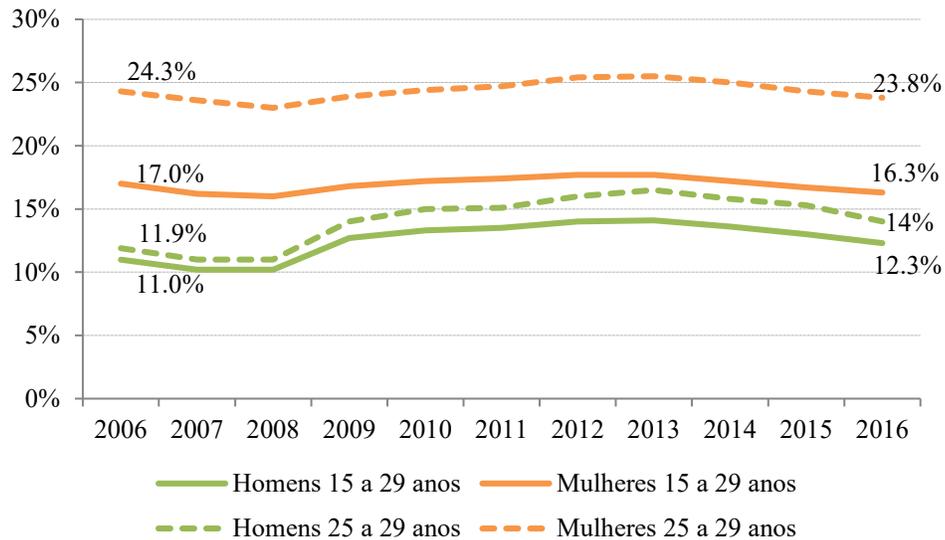
No que se refere à composição de gênero entre os jovens que não estudam e não trabalham na União Europeia, tem-se – assim como no Brasil – uma maioria de mulheres nesta situação. O hiato de gênero, no entanto, é muito inferior na Europa, havendo inclusive países onde a diferença na proporção entre homens e mulheres nem-nem é mínima. No ano de 2016, dentre o total de jovens de 15 a 29 anos, 12,3% dos homens eram nem-nem, enquanto 16,3% das mulheres estavam nesta condição. Esta disparidade de gênero, no entanto, é mais alta quando observamos o grupo

etário mais velho: enquanto 14% dos homens europeus de 25 a 29 anos eram nem-nem em 2016; neste mesmo ano, 23,8% das mulheres neste grupo etário estavam nesta situação (gráfico 9).

Este padrão é registrado em todos os países da União Europeia, porém em graus bastante diferentes. No ano de 2013, os maiores hiatos de gênero foram registrados na República Tcheca (20% de diferença na proporção de mulheres e homens nem-nem) e na Eslováquia (17% de diferença). Por outro lado, Espanha, Croácia, Irlanda e Holanda foram os países que apresentaram menor hiato de gênero entre os jovens nem-nem: menos de 2% de diferença na proporção de homens e mulheres que não estudavam e não trabalhavam (Eurostat, 2015).

A possible reason for the fact that, in general, more women are neither in education nor in employment or training could be that, due to family responsibilities, they are not seeking employment and consequently, according to the definition, inactive on the labour market (EUROSTAT, 2015, p. 144).

GRÁFICO 9 – PROPORÇÃO DE HOMENS E MULHERES QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM, POR GRUPOS ETÁRIOS - UNIÃO EUROPEIA - 2006 - 2016.



Fonte: Eurostat, 2018.

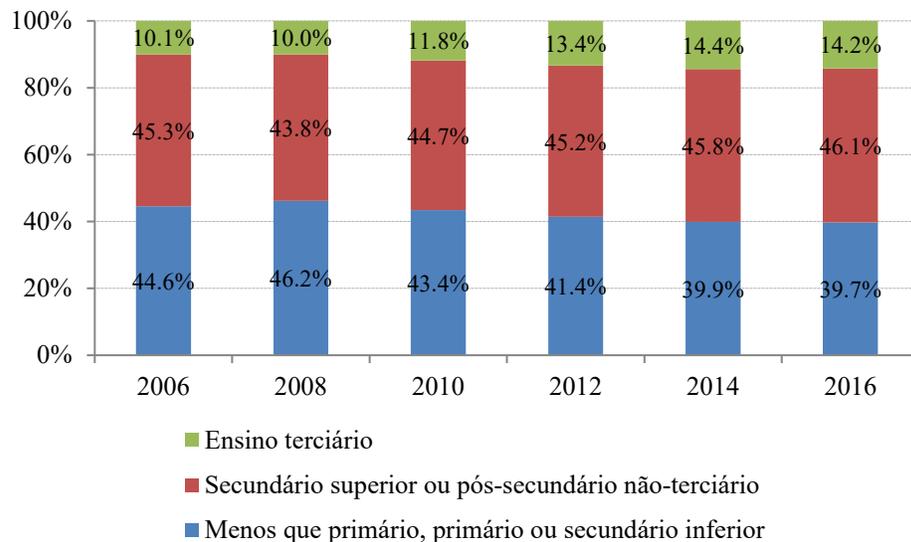
Ainda no tocante às disparidades de gênero, entre os jovens nem-nem europeus de 15 a 29 anos, 20% deles disseram não estarem procurando trabalho devido a responsabilidades familiares que os impediam. Ao desagregar esta categoria por gênero, no entanto, tem-se que 91% dos jovens que disseram não estar estudando ou trabalhando por conta destas responsabilidades são mulheres (EU Labor Force Survey, 2013 apud EUROFOUND, 2016).

This means that one-quarter of all young women who are NEET are outside of employment, education and training because of family responsibilities. While it is not possible to say how many are voluntarily in this situation, the imbalance in this category suggests room for maneuver for policy interventions, including the promotion of support to young women through childcare and other social care for their family members as tools to foster their re-integration into the labour market or education (EUROFOUND, 2016, p. 37).

No que se refere à educação, na Europa, a baixa escolaridade tem sido identificada como principal fator de risco para se tornar um jovem nem-nem: jovens com baixo grau de instrução (para os padrões europeus, até o ensino médio completo) tem três vezes mais risco de se tornarem nem-nem em comparação com aqueles que possuem ensino superior (EUROFOUND, 2016, p. 18). Ao observarmos o gráfico 10, vemos que a expressiva maioria dos jovens europeus que não estudam e não trabalham possuem até o ensino médio ou equivalente completo.

No entanto, nos anos que se seguiram à crise econômica, o efeito de proteção conferido pelo ensino superior foi reduzido no continente europeu, em especial para países como Grécia, Itália, Lituânia e Romênia; nos quais ter completado o ensino superior não necessariamente diminui o risco desemprego, em comparação com os jovens com menos escolaridade (EUROFOUND, 2012, p. 2). Como ilustrado pelo gráfico 10, o percentual de jovens nem-nem que possuem estudos universitários subiu a partir de 2008, o que explicita que a crise atingiu a juventude europeia como um todo e não somente os menos escolarizados.

GRÁFICO 10 - JOVENS DE 15 A 29 ANOS, QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM, POR GRAU DE INSTRUÇÃO<sup>8</sup> - UNIÃO EUROPEIA - 2006 - 2016.



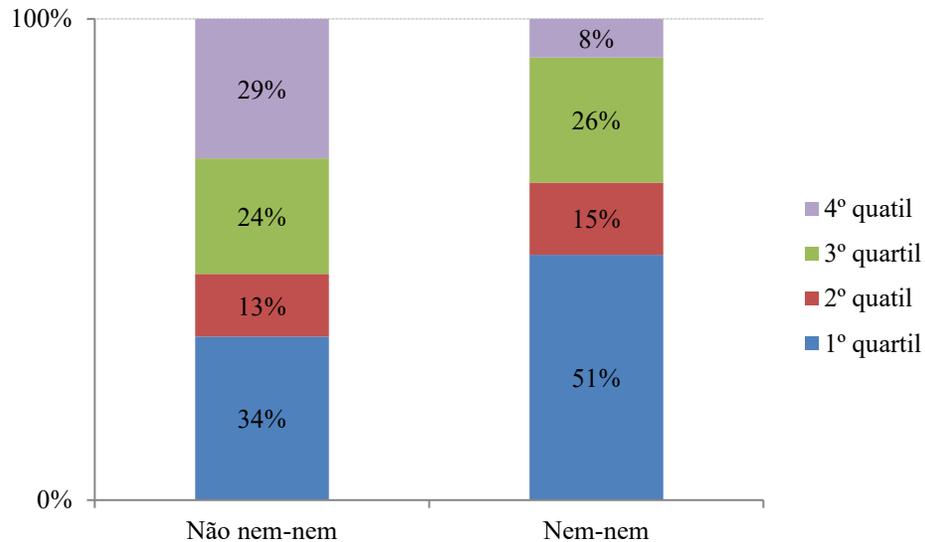
Fonte: Eurostat, 2018.

Apesar deste efeito amplo da crise, Balan (2014, p. 70) afirma que, em geral, nos países da União Europeia, os jovens que não estudam e não trabalham apresentam nível educacional mais baixo que a média de seus países. Ainda: a probabilidade de se tornar um jovem nem-nem diminui à medida que o nível educacional aumenta, segundo estudo da Eurofound (2016, p. 25), “confirmando que a educação ainda funciona como proteção contra o desengajamento” (EUROFOUND, 2016, p. 25, tradução nossa).

No que concerne ao padrão de renda dos jovens que não estudam e não trabalham na União Europeia, tem-se – como no Brasil – que estes jovens estão sobre-representados nos patamares inferiores da distribuição de renda. Enquanto cerca de metade dos jovens nem-nem se encontravam, em 2014, em famílias do primeiro quartil da distribuição de renda; entre os jovens que não eram nem-nem este percentual era de 34%. Por outro lado, enquanto 29% dos jovens que não era nem-nem pertenciam ao quartil mais alto da distribuição de renda; entre os jovens nem-nem apenas 8% estava no 4º quartil (gráfico 11).

<sup>8</sup> O ensino secundário inferior corresponde à segunda metade do ensino fundamental no Brasil (até o 9º ano); o ensino secundário superior corresponde ao ensino médio no Brasil, e o ensino terciário é equivalente aos estudos universitários (graduação e pós-graduação).

GRÁFICO 11 - DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS NEM-NEM E NÃO NEM-NEM POR QUARTIS DA RENDA - UNIÃO EUROPEIA - 2014



Fonte: Eurofound, 2016, p. 24.

Por fim, há um outro fator que torna determinados jovens mais suscetíveis a pertencerem ao grupo nem-nem entre os países da União Europeia: histórico de migração. Existe uma certa dificuldade em se obter dados precisos sobre estes grupos, havendo o risco de que a análise da população migrante capture somente informações sobre aqueles jovens mais integrados e que já estão vivendo no país em que estão há algum tempo, a ponto de figurarem nas pesquisas estatísticas (EUROFOUND, 2016, p. 22). Ainda assim, a Eurofound calculou que, em 2013, 11% dos jovens nem-nem de 15 a 24 anos na União Europeia tinham nascido em outro país que não o de sua residência. Entre os jovens de 25 a 29 anos, o percentual de jovens nem-nem que eram migrantes era de 16%.

In the literature, having a migration background is commonly identified as a risk factor in increasing the probability of being NEET. In this regard for example, Eurofound (2012) – using data from the European Values Survey – found that young people with a migration background are 70% more likely to end up NEET than are young people from the country in question. As pointed out by Bacher et al (2014), it can be assumed that a significant part of this migration effect on the risk of being NEET is explained by the social situation of families with a migration background (EUROFOUND, 2016, p. 23).

Em linhas gerais, vemos que o fenômeno dos jovens que não estudam e não trabalham na Europa foi bastante agravado pela crise econômica iniciada em 2008, indicando que trata-se, em

grande medida, de desemprego juvenil mais do que desengajamento com relação aos estudos e ao mercado de trabalho. No que se refere ao perfil destes jovens, é possível constatar que, assim como no Brasil, jovens de famílias mais pobres e com escolaridade abaixo da média estão mais suscetíveis a serem nem-nem. A proporção de mulheres que não estudam e não trabalham é maior em todos os países da União Europeia, ainda que a disparidade de gênero varie bastante de país a país, indicando que há espaço para a atuação de políticas públicas que visem reduzir estas discrepâncias entre homens e mulheres. Por fim, o componente migratório é relevante na análise dos jovens nem-nem europeus, já que jovens que nasceram em países diferentes dos de sua residência estão mais vulneráveis estarem neste grupo, explicitando a dificuldade de inserção que muitos imigrantes encontram na sociedade europeia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçarmos o perfil dos jovens que não estudam e não trabalham no Brasil e nos países da União Europeia, identificamos algumas características em comum: o fenômeno é predominantemente feminino – ainda que o hiato de gênero seja bastante inferior na Europa – e atinge mais fortemente os jovens menos escolarizados e com renda familiar mais baixa. Além disso, os grupos sociais historicamente mais vulneráveis – caso dos negros no Brasil e dos imigrantes na União Europeia – também estão sobre-representados entre os jovens nem-nem. No entanto, ainda que se possa estabelecer estes paralelos, a natureza do fenômeno é distinta nos dois contextos e, portanto, demandam diferentes ações do poder público para sua superação.

Como aponta Thimoteo (2013, p. 38), na Europa, a crise econômico-financeira iniciada em 2008 afetou boa parte da juventude: mesmo jovens com ensino superior tiveram bastante reduzidas suas oportunidades de ingressar no mercado de trabalho. O percentual de jovens nem-nem vinha caindo em todos os países da União Europeia nos anos 2000, porém esta tendência se reverteu com o advento da crise, quando o percentual passou a subir. Segundo Cardoso (2013, p. 310), a questão dos jovens nem-nem adquiriu contornos explosivos na Europa “[...] em parte por ter afetado diretamente jovens da classe média, que viram ruir seus projetos de inserção social em condições equivalentes ou melhores que a de seus pais”.

No continente europeu, portanto, a condição nem-nem é um problema geracional, localizado no tempo, e vivido como a traição “das promessas de emancipação pelo mercado, tendo, portanto, a forma da luta contra o neoliberalismo” (CARDOSO, 2013, p. 310). O que foi tratado pela mídia como um fenômeno novo – “jovens nem-nem” – não passava, segundo Cardoso (2013), de desemprego juvenil em larga escala: uma elevada parcela dos jovens europeus, já tendo abandonado a escola, não encontrava oportunidades no mercado de trabalho e, assim, se viu nesta situação de não-estudo e não-trabalho. Esta linha de argumentação se comprova ao observarmos que, a partir de 2013, quando os países da União Europeia passam a se recuperar dos impactos da crise, a proporção de jovens nem-nem volta a apresentar tendência de queda no continente.

No Brasil, por sua vez, o mercado de trabalho aquecido e a melhora nos níveis de escolaridade nos primeiros anos da década de 2010, não foram suficientes para fazer reduzir o número de jovens que não estudam e estão fora do mercado de trabalho (THIMOTEO, 2013; TILLMANN; COMIM, 2016). Aqui, a existência de uma parcela importante de jovens que não

estão engajados nos estudos, nem no mercado de trabalho é um fenômeno estrutural, não sendo possível falar em uma “geração nem-nem” delimitada no tempo como no caso europeu. O que se observa no Brasil é um círculo vicioso de saída precoce da escola, que acarreta na dificuldade de inserção no mercado de trabalho e piores oportunidades de emprego e, no futuro, à repetição deste ciclo pelos filhos, já que existe uma correlação importante entre a baixa escolarização dos pais e a probabilidade dos filhos serem nem-nem, conforme discutido no Capítulo 3 deste trabalho.

No Brasil, temos algo que podemos chamar de gerações sucessivas de ‘nem-nem’. Ou porque pararam de estudar e não têm condições de cursar uma universidade ou porque estão desalentados ou porque, no caso das mulheres, engravidaram cedo ou ainda porque estão no trabalho informal (THIMÓTEO, 2013, p. 39).

Segundo Cardoso (2013, p. 310), a prevalência ao longo do tempo de uma grande parcela de jovens nem-nem no Brasil não produziu os mesmos protestos e comoção midiática que na Europa, “em parte porque ela afeta mais as classes subalternas e as famílias mais pobres”. Segundo este autor ainda, a exclusão desta parcela de jovens dos estudos e do mercado de trabalho é um dos mecanismos associados à persistência das desigualdades no Brasil: “Atacar a condição “nem-nem” é atacar, insisto, um mecanismo gerador de exclusão e desigualdade a longo prazo” (CARDOSO, 2013, p. 310)

As soluções para um problema tão complexo e que comporta diferentes dimensões não é, por óbvio, tarefa simples e passa pelo fortalecimento das políticas públicas em diferentes áreas. Antes de mais nada, é necessário que os jovens tenham boas perspectivas de futuro, para que sintam-se estimulados a engajar-se nos estudos e, posteriormente, no mercado de trabalho. Assim, a solução para o problema passa, necessariamente, pela educação. Deve-se promover uma educação de pública de qualidade desde a primeira infância, evitar a evasão escolar dos jovens - principalmente no ensino médio - tornando as escolas mais atrativas e adequadas às realidades e demandas dos jovens. O acesso ao ensino superior deve ser democratizado, para que se torne um horizonte possível para os jovens mais vulneráveis. Neste sentido, Cardoso (2013) e Thimoteo (2013) falam da necessidade do aprofundamento das políticas de cotas nas universidades para jovens negros e oriundos de escolas públicas.

É correto estimular as cotas, pois se cria nos jovens de camadas mais populares que estão estudando a expectativa crível de que conseguirão entrar na universidade. Você vive seu presente ruim, mas alimentado pela oportunidade de melhora no futuro ao conseguir cursar uma faculdade (THIMÓTEO, 2013, p. 41).

As políticas de distribuição de renda também são de extrema importância, já que a prevalência de jovens que não estudam e não trabalham é maior entre as famílias de renda mais baixa. Programas de transferência de renda condicionada – como o Bolsa Família – e a valorização real do salário mínimo são estratégias que contribuem neste sentido. Por fim, não podemos olvidar que, no Brasil, a maioria dos jovens que não estudam e estão fora do mercado de trabalho é formada por mulheres e, portanto, a questão de gênero não deve ser menosprezada. É necessário fornecer uma rede de apoio necessária às jovens mães para que possam seguir com seus estudos e/ou ingressar no mercado de trabalho se assim desejarem. Segundo Cardoso (2013, p. 312):

Uma rede local de creches públicas, oferecida pelas prefeituras, poderia cumprir essa função, dando prioridade para crianças de jovens em idade escolar. Uma pesquisa que dimensione o problema em escala municipal, atenta às regiões do país, é estratégica para orientar uma política dessa natureza.

Os desafios para a superação do problema dos jovens nem-nem no Brasil são enormes e coincidem com os de tantos outros problemas que se originam na desigualdade estrutural da sociedade brasileira. Combater a enorme e inaceitável prevalência de jovens que não estudam e não trabalham passa, portanto, pelo combate das diversas formas de desigualdades socioeconômicas que são marca constitutiva do nosso país.

## REFERÊNCIAS

ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. A estagnação da taxa de ocupação e o fim precoce do bônus demográfico. In: XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2016, Foz do Iguaçu. **Anais...Foz do Iguaçu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)**, 2016. Disponível em: < <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/2554/2486>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

BALAN, M. Youth labor market vulnerabilities: characteristics, dimensions and costs. **Procedia Economics and Finance**, Nova Iorque, v.8, p. 66-72, 2014. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212567114000641>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

BANERJEE, A. V.; DUFLO, E. Top of the class. In: \_\_\_\_\_. **Poor Economics: a radical rethinking of the way to fight global poverty**. Nova York: Public Affairs, 2011. p.71-101.

BEHRMAN, J. R.; DE HOYOS, R.; SZÉKELY, M. **Out of School and Out of Work: a conceptual framework for investigating 'ninis' in Latin America and the Caribbean**. Washington, DC: World Bank, 2014. Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/23835>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

BRANDAO, T.; SARAIVA, L.; MATOS, P. M. O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 30, n. 3, jul. 2012, p. 301-313. Disponível em: <<https://goo.gl/y4XxTY>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

BRITO, F. **A transição demográfica no contexto internacional**. Belo Horizonte: Cedeplar – UFMG, set 2007. (Texto para Discussão, n. 317). Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/6519928.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

CAMARANO, A. A. et al. A transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios? **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Brasília, n. 21, fev. 2003, p. 53-66. Disponível em: < [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/mt\\_021j.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/mt_021j.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2018.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Brasília, n. 53, nov. 2012, p. 37-44. Disponível em: <[http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt53\\_nt03\\_jovens.pdf](http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt53_nt03_jovens.pdf)>. Acesso em: 09 jan. 2018.

CÁRDENAS, M.; HOYOS, R.; SZÉKELY, M. **Idle Youth in Latin America: a persistent problem in a decade of prosperity**. Washington DC: Latin America Initiative at Brookings, 2011. Disponível em: <[https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/Idle-Youth-in-Latin-America\\_FINAL.pdf](https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/Idle-Youth-in-Latin-America_FINAL.pdf)>. Acesso em 11 jan. 2018.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Caderno CRH**, Salvador, v.26, n.68, ago. 2013, p. 293-314. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792013000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792013000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 jan. 2018.

COSTA, J. S. M.; ULYSSEA, G. O fenômeno dos jovens nem-nem. In: CORSEUIL, Carlos H.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Brasília: Ipea, 2014. p. 115-137.

EUROPEAN FOUNDATION FOR THE IMPROVEMENT OF LIVING AND WORKING CONDITIONS (EUROFOUND). **Exploring the diversity of the NEETS**. Luxemburgo: Publications Office of the European Union, 2016. Disponível em: <[https://www.eurofound.europa.eu/sites/default/files/ef\\_publication/field\\_ef\\_document/ef1602en.pdf](https://www.eurofound.europa.eu/sites/default/files/ef_publication/field_ef_document/ef1602en.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Young people and NEETs in Europe: first findings**. Luxemburgo: Publications Office of the European Union, 2012. Disponível em: <<http://iogt.org/wp-content/uploads/2015/03/NEET-and-youth-unemployment.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

EUROSTAT. **Being young in Europe today**. Luxemburgo, Publications Office of the European Union, 2015. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat/web/products-statistical-books/-/KS-05-14-031>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

GUERREIRO, M. D.; ABRANTES, P. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 20, n. 58, jun. 2005, p. 157-175. Disponível em: <<https://goo.gl/8cFKkC>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

HOYOS, R.; ROGERS, H.; SZÉKELY, M. **Out of School and Out of Work: risk and opportunities for Latin America's ninis**. World Bank: Washington DC, 2015. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/22349>. Acesso em 04 jan. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017**. IBGE: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101459>>. Acesso em 08 jan. 2018, 16h55.

MACHADO, A. L.; MULLER, M. **“If it’s already tough, imagine for me...”** – a qualitative perspective on youth out of school and out of work in Brazil. Washington DC: World Bank, mar. 2018. (Policy Research Working Paper, n. 8358). Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/29424>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

MASCHERINI, M. NEETs in European Agenda. In: FURLONG, A. (Ed.) **Routledge Handbook of Youth and Young Adulthood**. Londres: Routledge, 2017. p. 164-171.

MONTEIRO, J. **Quem são os jovens nem-nem?** Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho. Rio de Janeiro: IBRE – FGV, set 2013. (Texto para

Discussão, n. 34). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/11661>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **What does NEETs mean and why is the concept so easily misinterpreted?** Genebra: Youth Employment Programme – ILO, jan. 2015. (Technical Brief n.1). Disponível em: <<https://goo.gl/7CMsMa>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

SCHOON, I.; LYONS-AMOS, M. Diverse pathways in becoming an adult: The role of structure, agency and context. **Research in Social Stratification and Mobility**, Amsterdã, v. 46, mar. 2016, p. 11-20. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0276562416300178>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

THIMOTEO, T. Geração nem lá nem cá. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 9, set. 2013, p. 38-41. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/article/view/21249/19997>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

TILLMANN, E.; COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração nem-nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, ago. 2016, p. 47-78. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7276/1/PPE\\_v46\\_n02.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7276/1/PPE_v46_n02.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2018.